



Londres,
segunda metade do século XIX,
inverno.





A Agenda do Grande Oriente



Os passos que subiam os degraus até o sótão pareciam cada vez mais apressados à medida que as vozes se elevavam no lado de dentro. A porta se abriu em um tranco e um rapaz alto e esguio entrou, com a disposição de quem precisaria interromper uma briga entre dois exércitos rivais.

— A Sra. Macklin — anunciou Sherlock Holmes, de forma dramática e chamando a atenção dos jovens Irene Lupin e Nikola Tesla — ...enxerga muito mal, é uma cozinheira detestável e uma pessoa de trato difícil, mas não me lembro de ter mencionado que fosse surda. Seus gritos podem ser ouvidos do porto!

O que era um evidente exagero, pois a mansão Holmes ficava em Sutton, um bairro arborizado, de ruas de pedra, água encanada, cartolas elegantes e sombrinhas delicadas. O porto de Londres, com seus odores, gritos, lodo e carvão, não poderia ser mais distante mesmo se desaguasse nos canais marcianos.

Sherlock passou os olhos de Nikola para Irene e, novamente, para Nikola. O pequeno inventor sérvio fulminava a jovem francesa com os olhos em fúria. Mesmo alguns anos

mais novo e vários centímetros mais baixo, ele encarava a esguia Irene, que respondia com um desprezo que só rivalizava com seu desdém.

— O que está acontecendo? — perguntou Sherlock ao garoto de calças curtas, casaco empoeirado e que teimava em usar um boné cinza escuro que era grande demais para ele.

— Ela não respeita a minha divisão do espaço — explicou Nikola, sem tirar os olhos da garota.

— A divisão do quê?

Irene apontou para o chão. Sherlock passou os olhos do vestido turquesa até as tábuas empoeiradas. Alguém, e o rapaz poderia imaginar muito bem *quem*, havia riscado o sótão com giz branco, dividindo o cômodo em dois. Mesmo sabendo que iria se arrepender, Sherlock arriscou uma pergunta.

— O que significa isso?

— Eu preciso da minha privacidade — respondeu Nikola, cruzando os braços e fazendo beicinho. — Não quero dividir o sótão com uma menina.

Sherlock soltou um longo suspiro e coçou os cabelos levemente encaracolados. Isso seria mais difícil do que imaginava.

Mas talvez estivesse sendo pessimista demais. Afinal, eles não haviam recém-escapado das garras da *Great East Company*¹? Não fora na noite anterior que ele, Irene e Nikola finalmente alcançaram a mansão Holmes, quase ao amanhecer, após uma longa e difícil noite, repleta de aventuras e perigos?²

Poucas horas atrás, o trio de aventureiros invadira a sede da Companhia e arrombara um cofre. No seu interior, encontraram os planos roubados de Nikola e uma misteriosa agenda, repleta de anotações muito estranhas. Nikola conseguiu tirar algumas fotos com uma máquina fotográfica aperfeiçoada antes que eles tivessem que enfrentar três capangas homicidas. Fora uma luta dura, mas os garotos escaparam ilesos. Sherlock

1 Companhia do Grande Oriente

2 Leia “Sherlock e os Aventureiros: O Mistério dos Planos Roubados”, já publicado.

decidiu esconder Nikola e Irene no sótão da mansão e, exausto, dormiu até o meio-dia. O seu irmão, Mycroft, já havia saído para trabalhar, mas a casa rapidamente se encheria com as arrumadeiras e passadeiras e por isso ele correu até o sótão antes que fosse visto.

Esperava ter um tempo para discutir com os companheiros sobre os próximos passos, mas não imaginava iniciar a conversa tendo que apartar uma discussão. Balançando a cabeça, Sherlock os chamou com um gesto apaziguador.

— Aqui está o que consegui roubar do almoço sem levantar suspeitas — disse, esvaziando os bolsos do terno sob medida que trajava. — Por sorte, a Sra. Macklin fez uma quantidade absurda de comida. Ela deve estar ficando senil.

E, dito isso, abriu um embrulho, espalhando alguns pedaços de presunto e empadas em um banco de madeira junto à claraboia, o lugar mais iluminado do sótão. Uma luz cinzenta e doentia escapulia para dentro após atravessar a névoa do rio Tâmisa e a fumaça das milhares de chaminés que emporcalhava mais uma manhã fria e sem graça.

— Não é muita coisa — comentou Irene, espichando o olho.

— Não tive a oportunidade de me aprofundar na nobre arte do roubo — ironizou Sherlock, erguendo uma sobrancelha. — Acho que a minha família não aprovaria o desenvolvimento destas habilidades.

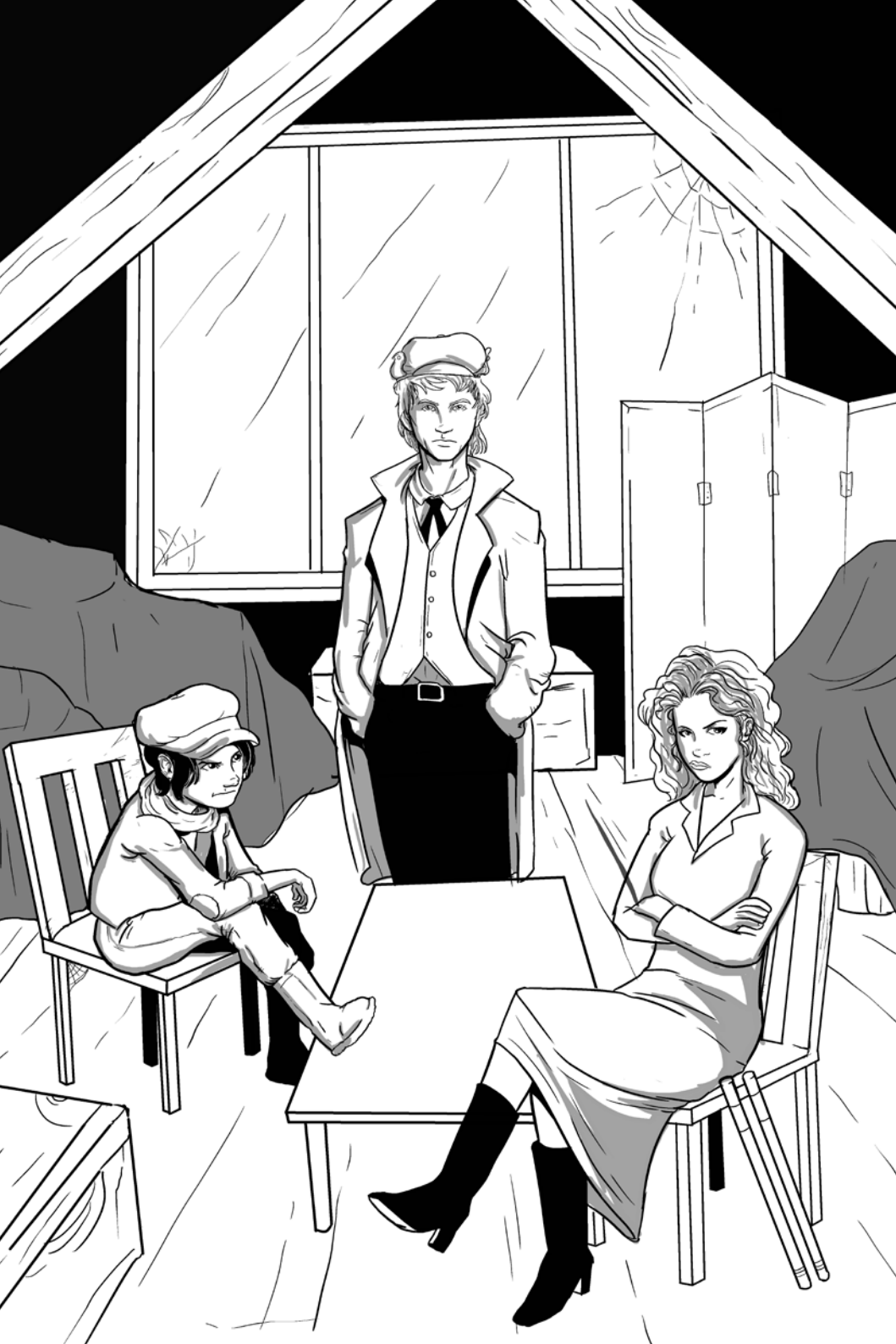
Ela prendeu os cabelos castanhos com uma fita vermelha e agarrou uma grossa fatia de presunto antes de comentar.

— Você deve estar falando do meu pai. Bem, ele...

— *Monsieur* Arsène Lupin? — interrompeu Sherlock, que já cansara de ouvir sobre o misterioso pai de Irene na noite anterior.

O sorriso da garota tremeu por um instante. Ela piscou e abriu um sorriso tenso.

— Então, você descobriu.



— **Descobrir** o quê? — perguntou Nikola, com a boca cheia de empada de rins, acentuando ainda mais o sotaque alemão enquanto comia.

— Não foi difícil — respondeu Sherlock, puxando uma cadeira com o pé lascado e espanando-a com um lenço branco antes de se sentar. — A biblioteca do meu pai é bem abastecida e ele assina uma grande variedade de jornais. Mesmo em sua ausência, recebemos diariamente o *London Times*, o *Globe* e o *Independent Observer*. As notícias dos *feitos* do seu pai, por falta de um termo melhor, já atravessaram o Canal³.

— O que tem o pai dela? — insistiu Nikola.

— Ele é conhecido como o único e incomparável Arsène Lupin — anunciou Sherlock.

— Nunca ouvi falar — comentou Nikola, engolindo mais um bocado. — É um político?

Sherlock sorriu.

— Muito pelo contrário, apesar de suas artes serem parecidas. Ele é um ladrão.

— *Um ladrão?* — repetiu Nikola, quase se engasgando com a comida.

Irene pigarreou.

— O maior ladrão do mundo.

— Autointitulado — observou Sherlock, recebendo um olhar furioso como resposta.

— Um ladrão?! — voltou a exclamar Nikola.

— Foi o que eu disse — disse Sherlock. — E isso não é algo que se veja todo dia — admitiu.

Nikola concordava, mas não recebeu a notícia da mesma forma que Sherlock. Ele engoliu o resto da comida e levantou o dedo em fúria.

— Não vou me envolver com... com...

— Com o quê, especificamente? — perguntou Irene, erguendo uma sobrancelha.

3 N.A.: Sherlock se refere ao Canal da Mancha, um braço do mar que separa a Inglaterra do norte da França. Seu ponto mais estreito, perto de Dover, mede apenas 33 quilômetros.

— Com alguém da sua laia! — vociferou Nikola.

Irene saltou da cadeira como se o assento tivesse molas. Um segundo depois, ela estava face a face com o garoto.

— Repita, se for capaz — sibilou.

— Com alguém da sua...

— Acalmem-se, vocês dois! — avançou Sherlock, levantando uma nuvem de poeira enquanto se colocava entre Nikola e Irene. — Não chegaremos a lugar algum brigando entre nós. Nosso objetivo está longe. E não se esqueça, Nikola, nós invadimos a sede da *Great East Company* ontem à noite.

— Mas eles me roubaram primeiro! — protestou o garoto, cheio de cólera.

Irene sorriu enquanto se afastava.

— Isso dificilmente seria considerado um atenuante para a polícia, meu pequeno arrombador — comentou ela, erguendo uma sobrancelha. — Se quiser se vingar de Mr. Brown e da Companhia, vai ter que afrouxar um pouco o que considera certo ou errado.

Nikola lhe virou a cara, mas Sherlock sustentou seu olhar. Ela estava certa, era claro, mas a verdade o atingiu com uma força que não esperava. Vivendo na mansão Holmes e na escola Harrow por toda a sua vida, sempre tivera regras muito rígidas e se acostumara a segui-las. Nos últimos dias, porém, escolhera se arriscar, torcendo o que era certo e o que era errado em nome de um bem maior.

Esperava não se arrepender disso.

— Não gosto disso — finalmente disse Nikola, atacando furiosamente outra empada.

— Nem eu, tampouco — admitiu Sherlock, voltando a se sentar. — Mas é uma oportunidade excelente — continuou, virando-se para Irene. — É fascinante conhecer alguém que foi criada por um notório vigarista. Será a sua mente tão corrupta quanto a do seu pai?

Irene avançou dois passos e acertou uma bofetada em Sherlock.

O som espalmado permaneceu no ar por um longo período.

Nikola engoliu em seco, enquanto seu anfitrião recuava até o encosto da cadeira desconjuntada, o rosto vermelho e quente de espanto.

— Nunca... Nunca mais fale assim do meu *papa* — ela disse, com a voz esganiçada.

Nikola pôde ouvir o som das próprias batidas do coração pelos momentos seguintes. Ele era muito jovem e inexperiente — criado por um mãe amorosa e um pai atencioso, fora protegido de boa parte dos rigores da vida até perder ambos. Se fosse um pouco mais velho, poderia perceber que o olhar entre os dois transmitia desafio e algo mais poderoso que o ódio. Mas, jovem como era, achou apenas que Sherlock os expulsaria dali.

— Eu acho... — começou Sherlock, esfregando a face vermelha com uma das mãos enquanto procurava as palavras com muito cuidado — que exagerei em minha fala, *mademoiselle*. Devo-lhe minhas desculpas.

Irene piscou, desconcertada. Esperava mil reações daquele jovem rico e metido a besta, mas nunca um pedido de desculpas.

— Desculpas aceitas — ela murmurou. — E... hã... me desculpe... também.

Sherlock abriu um sorriso sem graça.

— Bom, pelo menos você não usou seus bastões — ele comentou, ainda esfregando as faces doloridas. — Teria trabalho para explicar um crânio rachado a Mycroft.

Nikola engoliu o resto da empada antes de ousar perguntar.

— E agora?

— Agora, comam e ouçam, pois andei pensando sobre nossos próximos passos — disse Sherlock.

Irene pegou mais um pedaço de presunto e se acomodou em uma espreguiçadeira com duas molas saltadas. Nikola puxou um caixote de madeira para perto da comida.

— Recapitulando o que sabemos até agora: este Mr. Brown é o gerente desta Companhia, uma empresa que, aparentemente, compra invenções e providencia patentes⁴.

Nikola concordou. Fora o que ele ouvira nas ruas e o que o fizera procurar o sujeito em primeiro lugar.

Sherlock acomodou-se contra o encosto da cadeira antes de continuar.

— Mas o tal Barão, dono da Companhia, prefere roubar as invenções dos jovens engenheiros e inventores para ficar com os lucros somente para si.

— Miserável! Patife! — vociferou Nikola.

— Bem colocado, Nikola — disse Sherlock, com um sorriso rápido. — E, pela quantidade de capangas ao seu serviço, está disposto a fazer qualquer coisa para conseguir estes inventos.

— Nós sabemos de tudo isso, menino rico — disse Irene, entre um pedaço de presunto e outro. — O que quero saber é como vamos recuperar o meu camafeu. Ele roubou a joia da minha mãe e eu a quero de volta!

— Estive pensando sobre isso — continuou Sherlock. — Não me parece razoável retornar à sede da tal Companhia. Eles devem ter reforçado a segurança.

— *Om*⁵ — concordou Irene. — Esta seria uma medida óbvia.

— Então, precisamos seguir a única pista que temos: as fotos que você tirou da agenda, Nikola — concluiu Sherlock.

O garoto serviu engoliu o resto de uma empada antes de responder.

— Posso revelar as fotos, mas vou precisar de algumas coisas — disse, com um aceno afirmativo. — Papel de boa qualidade e um fixador. Hipossulfito de sódio é o melhor.

Sherlock piscou os olhos, sem entender.

4 N.A.: Uma patente é um registro público que concede ao titular a exclusividade em explorar comercialmente a sua criação.

5 Sim.

— É um produto químico — explicou Nikola. — Não conhece nada de química?

— Só o que aprendi na escola. E foi menos que nada — admitiu Sherlock, balançando a cabeça e lembrando-se do velho quase senil que ensinava a matéria em Harrow, o Sr. Brett. O sujeito era o pior professor que já tivera, e Sherlock já havia conhecido muitos professores ruins.

— Você pode comprar isso em armazéns — instruiu Nikola. — Os mineradores o utilizam para separar ouro e prata do cascalho.

— Isso parece um plano para mim — comentou Sherlock, unindo as palmas das mãos. — Vou providenciar tudo. Enquanto isso, permaneçam escondidos aqui no sótão — recomendou Sherlock.

Ele se levantou, mas se voltou para os dois uma última vez.

— Lembrem-se: as arrumadeiras e passadeiras vão estar por aqui durante toda a tarde e a Sra. Macklin também. Vocês não podem ser descobertos.

Nikola assentiu, mas Irene só deu de ombros. Sherlock apertou os lábios. Ela não parecia ser o tipo de garota que gostava de ficar presa, mas era absolutamente imprescindível que eles não fossem pegos ali dentro. Nem imaginava como poderia explicar a presença dos dois para Mycroft se eles fossem descobertos.

Sherlock deixou o sótão um pouco depois e foi até o quarto. Era um cômodo grande, com uma cama de madeira escura, um criado-mudo, uma pequena mesa com uma cadeira, e duas janelas que davam para os fundos. No canto, o malão da escola estava aberto de forma displicente, com roupas e livros espalhados pelo chão. Sherlock sentiu uma pontada de desconforto ao observar o baú, não só pelo fato de já ter sido preso no seu interior por *colegas* com ideias estranhas sobre brincadeiras infantis.

Os alunos haviam sido liberados mais cedo para os feriados de final de ano, pois a Harrow precisava passar por uma pequena reforma. No entanto, logo após o ano-novo, Sherlock iria engrossar as fileiras do pequeno exército de garotos de ternos azuis, chapéus e bengalas, e marcharia até a escola.

Mas isso era um problema para outra hora, pensou, enquanto ia até o criado-mudo, onde recolheu parte de suas economias. Não tinha a mínima ideia de quanto custava o produto químico que Nikola precisava e era melhor estar preparado para qualquer eventualidade. Depois, trocou o casaco por um capote mais pesado e, devidamente vestido, deixou a mansão para enfrentar o frio londrino.

Havia armazéns em Sutton, mas todos na região conheciam o seu pai e ele achou que chamaria muita atenção se comprasse algo tão estranho por ali. Por isso, Sherlock foi até a pequena praça vizinha à mansão e pegou um bonde até a City. Uma hora e tanto depois, desceu do carro e foi até o maior e mais barulhento empório que conhecia, um lugar que ocupava boa parte da Clement's Lane, perto da nova Ponte de Londres.

Sherlock nunca entrara em um armazém como aquele e seus olhos lacrimejaram ao deixar para trás as calçadas frias para o calor opressivo do interior da loja. Barris enormes exibiam produtos de todo os tipos, cores e odores, e uma coleção impressionante de ferramentas de metal escuro estava pendurada de forma ameaçadora sobre sua cabeça. De trás do extenso balcão, diversos atendentes recebiam pedidos de pelo menos uma dúzia de clientes, que resmungavam e barganhavam, enquanto os criados desapareciam entre os corredores repletos de armários e voltavam apenas para sumir novamente.

Não foi fácil ser percebido e, a bem da verdade, Sherlock só conseguiu fazer seu pedido depois que um homem ao seu lado, que chamara a atenção de um atendente com um urro que

parecia muito o de um urso cinzento que vira no zoológico, reconhecer um companheiro que entrara logo após. Os dois começaram a conversar e Sherlock pôde falar com o empregado.

O atendente, um rapazinho que não deveria ser mais velho que Sherlock, recebeu o pedido do rapaz com um aceno eficiente, perguntando.

— Quanto, senhor?

Era uma boa pergunta. Nikola não dissera o quanto precisava, por isso Sherlock precisou improvisar uma resposta.

— Duas libras⁶ — falou, inseguro.

O atendente assentiu antes de desaparecer lá dentro por alguns minutos. Então, retornou com um saco de papel. Sherlock espiou o conteúdo. O tal hipossulfito de sódio era vendido no formato de pequenos cristais transparentes, muito parecido com o sal grosso que ele já vira as cozinheiras usarem para preservar carne e peixes.

Combinado o preço, Sherlock puxou algumas moedas e pagou, aliviado por ser bem menos do que imaginava. Mas antes que pudesse sair com a sua encomenda, o atendente ainda perguntou.

— Nome, senhor?

Sherlock piscou os olhos, sem entender.

— Preciso do nome para o livro de vendas — explicou o rapazinho, puxando um dos vários livros que estavam pendurados por fios sobre toda a bancada.

Sherlock captou a ideia rapidamente. Era uma providência bastante óbvia. O dono do armazém não poderia fazer todas as vendas e era preciso ter algum tipo de controle ou seria facilmente roubado.

Mas Sherlock não se sentiu à vontade em usar o próprio nome. Não sabia o quão vastos eram os recursos do tal Barão e sua Companhia, mas achou melhor não deixar uma trilha

6 N.A.: O equivalente, mais ou menos, a um quilo.

que poderia registrar suas atividades. Então, disse o primeiro nome que apareceu em sua mente, usando o sobrenome de um antigo professor de álgebra como inspiração.

— James Moriarty.

